

**JOÃO LUIZ DE ALMEIDA CARNEIRO**

# **O SACERDÓCIO UMBANDISTA**

**Entre a Tradição e a Massificação**

**São Paulo  
2009**

**JOÃO LUIZ DE ALMEIDA CARNEIRO**

**O SACERDÓCIO UMBANDISTA**  
**Entre a Tradição e a Massificação**

**Artigo Acadêmico apresentado à  
Faculdade de Teologia Umbandista  
como material componente do seu  
acervo.**

**Orientador: Prof. Antônio J. V. da Luz**

**São Paulo  
2009**

## **RESUMO**

A Umbanda perpetua a tradição de uma forma não codificada. Para manter esta metodologia viva conta com a oralidade do qual reconhecidamente o sacerdote é o principal responsável, o que implica em um dinamismo constante. O movimento umbandista é uma unidade aberta em contínua construção. A partir dos estudos de Mircea Eliade, buscamos apresentar como o Sagrado se relaciona com espaço religioso umbandista e cotejá-lo com as tentativas de profanação do mesmo através de cursos de formação sacerdotal calcadas em perspectivas mercadológicas. Para confrontar estes conceitos com a prática religiosa, entrevistamos um dos terreiros mais tradicionais da Umbanda: a Tenda Nossa Senhora da Piedade.

Palavras-chave: Umbanda. Sacerdote. Mediunidade. Tradição. Sagrado. Profano. Cursos

## ***ABSTRACT***

The Umbanda perpetuates the tradition of a not codified form. To keep the methodology alive, it need with the orality which admittedly the priest is main the responsible, what it implies in a constant dynamism. The umbandist movement is a unit opened in continuous construction. From the studies of Mircea Eliade, we searched showing as the Sacred itself relates with umbandist religious space and collating its with the profanation attempts, through of priest formation courses based on marketing perspectives. To parallel these concepts with religious practices, we interviewed one of the most traditional temple of Umbanda: Nossa Senhora da Piedade Tends.

Word Keys: Umbanda. Priest. Mediumism. Tradition. Sacred. Profan. Curses.

# SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>3</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>3</b>
<b>SUMÁRIO</b> .....	<b>4</b>
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>5</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>8</b>
1.1 O SAGRADO .....	8
1.2 MEDIUNIDADE E SACERDÓCIO.....	9
1.3 MEDIUNIDADE UMBANDISTA VERSUS MEDIUNIDADE KARDECISTA .....	10
1.4 O PROFANO .....	12
<b>2. ESTUDO DE CASO</b> .....	<b>15</b>
2.1 METODOLOGIA.....	15
2.2 CAMINHO QUE O ADEPTO REALIZA PARA ENTRAR NA TENDA.....	16
2.3 INÍCIO DAS SESSÕES DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO .....	16
2.4 A FITA VERMELHA.....	17
2.5 A GUIA DE BABÁ .....	18
2.6 SOBRE OS CURSOS PAGOS DE FORMAÇÃO SACERDOTAL DISTANTE DO TERREIRO .....	19
<b>3. CONCLUSÃO</b> .....	<b>21</b>
<b>4. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</b> .....	<b>23</b>

## **JUSTIFICATIVA**

A Umbanda tem em sua matriz formadora todas as etnias, classes sociais e culturas que deram origem ao povo brasileiro. Surgiu de uma construção coletiva, portanto, não foi revelada, codificada e não possui mártires, o que conseqüentemente não produziu um livro sagrado. Seu caráter inclusivo abarca uma imensa variedade de visões e formas de vivenciar o Sagrado. Esta vivência se fez e se faz por meio da mediunidade e do sacerdócio, que são dois fundamentos imprescindíveis para o Movimento Umbandista, constituído e mantido por uma tradição essencialmente oral, percebida na rito-liturgia de cada templo.

Recentemente, surgiram algumas iniciativas de produzir cursos de formação sacerdotal pagos, distantes do templo e com algumas modalidades sem o pré-requisito da mediunidade, à revelia de uma tradição mais do que centenária e que pode trazer sérias conseqüências para este Movimento. Dada a relevância desta questão, faremos dela o cerne deste artigo.

## INTRODUÇÃO

É inegável a importância do sacerdote e a sua formação em qualquer religião e para a Umbanda, bem como as Tradições Afro-brasileiras, não poderia ser diferente. Principalmente se levarmos em conta a oralidade existente em ambas. A transmissão do conhecimento, da iniciação e também a comunicação interdimensional se dá por meio dela. Na Umbanda, o sacerdote umbandista é o elemento chave para a compreensão de uma determinada vivência da experiência mística que interpreta o Sagrado e cria formas específicas de entendimento e transmissão a qual Rivas Neto (2003) denomina Escolas Umbandistas. Estas últimas, portanto, definem e refletem a experiência do Sagrado em cada determinada comunidade de adeptos.

O presente artigo tem como objetivo central compreender a formação sacerdotal e discuti-la com a proposta de cursos pagos de sacerdócio, alguns até mesmo sem o pré-requisito da mediunidade, propostos recentemente por grupos inseridos no Movimento Umbandista.

Na obra “O Sagrado e o Profano” de Mircea Eliade (1957), um importante historiador e filósofo das religiões da contemporaneidade, é resgatado para a literatura acadêmica dois conceitos fundamentais: a hierofania, ou como é o Sagrado ser no Mundo, e a epifania como manifestação deste mesmo Sagrado.

Sobre a mediunidade usamos dois autores de referência para o Movimento Umbandista - Matta e Silva (1956) e Rivas Neto (1989). Através da investigação da mediunidade realizada pelo primeiro e aprofundada nas obras de Rivas Neto é que podemos entender a especificidade da modalidade mediúnica do espaço religioso umbandista, distinguindo-a claramente das propostas apresentadas pelo espiritismo de Kardec (1857), que até Matta e Silva eram paradigmas na literatura umbandista.

Concomitante à visão do Sagrado e do profano eliadeanos, da mediunidade e do sacerdócio, de Matta e Silva e Rivas Neto, articulamos também as proposições de Prandi (2004) sobre uma perspectiva mercadológica das religiões, que parece ser referencial para grupos existentes no Movimento Umbandista. Acreditamos que o ferramental teórico fornecidos por estes autores concorrem para um aprofundamento do debate proposto neste artigo.

Para avaliar se existe correspondência empírica no meio umbandista aos ensinamentos dos referidos autores, optamos por realizar uma pesquisa de campo sobre o tema mediunidade e sacerdócio com os dirigentes de um dos templos de Umbanda mais antigos do Brasil registrado em cartório: a Tenda Nossa Senhora da Piedade. A partir daí, discorreremos sobre as possíveis consequências e impactos dos cursos de sacerdócio, considerando dois aspectos que reputamos essenciais: o *modus operandi* tradicional da formação sacerdotal no Movimento Umbandista *versus* os cursos pagos de sacerdócio, recentemente inventados sem nenhuma relação com as práticas comuns das diversas escolas umbandistas.

# 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1 O SAGRADO

Mircea Eliade apresenta em seu livro “O Sagrado e o Profano” três conceitos fundamentais aos estudos das religiões: hierofania, epifania e ritualização. O primeiro refere-se ao ato do Sagrado se revelar e se manifestar no mundo. Em suas palavras: *“O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania”*<sup>1</sup>.

A epifania trata do como se dá a manifestação deste Sagrado e sua importância no tempo, o que justifica a existência da ritualização. Sobre a ritualização, Mircea Eliade afirma:

*“(...)desvendam-nos o segredo do comportamento do homem religioso em relação ao Tempo. Visto que o Tempo sagrado e forte é o Tempo da origem, o instante prodigioso em que uma realidade foi criada, em que ela se manifestou, pela primeira vez, plenamente, o homem esforçar-se à por voltar a unir-se periodicamente a esse Tempo original. Essa reatualização ritual do illud tempus da primeira epifania de uma realidade está na base de todos os calendários sagrados: a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico (e portanto religioso), mas sim sua reatualização”.*<sup>2</sup>

Desta forma existem múltiplas formas de manifestação do Sagrado nas civilizações de todos os tempos. Eliade destaca para o homem religioso a importância dos mitos e simbolismos comuns em praticamente todas as sociedades, tais como: “ritos de passagem”, a fenomenologia da iniciação e a idéia do *Axis Mundi*. Este último promove uma “ruptura” do interdito entre o Céu, a Terra e o “mundo de baixo”<sup>3</sup>, construindo entre eles um eixo de sustentação e de comunicação. Nas tradições

---

<sup>1</sup> Eliade, M. **O Sagrado e o Profano**, São Paulo: Martins Fontes, 1992 , p.13

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 44

<sup>3</sup> *Ibidem*, p.24

religiosas africanas, por exemplo, está representado pelo Opá que liga o Céu e a Terra, mas também pela coluna vertebral<sup>4</sup> do ser humano.

Outro conceito importante em Eliade é o de “Corpo-Casa-Cosmos”; apresentando o homem religioso como habitante de um Cosmos “aberto” e que está “aberto” ao Mundo podendo se comunicar com os Deuses, sacralizando a si e a tudo que existe no espaço em que se insere. Ato contínuo, “*o Cosmo é ao mesmo tempo um organismo real, vivo e sagrado: revela as modalidades do Ser e da sacralidade. Ontofania e hierofania se unem.*”<sup>5</sup> Por extensão de sentido, o sacerdote e a mediunidade compõem, por excelência, o *Axis Mundi* umbandista e os “órgãos” essenciais do “corpo” templário.

## 1.2 MEDIUNIDADE E SACERDÓCIO

Na Umbanda, o *Axis Mundi* e o “Corpo-Casa-Cosmo” ocorrem *in totum* durante o transe mediúnico. Nesse momento, o sacerdote serve de ponte entre o manifesto e o imanifesto, entre o imanente e o transcendente na conexão interdimensional. Manifesta-se sacralizado e sacralizando o espaço profano do mundo. Durante a manifestação mediúnica o homem não apenas acessa o Sagrado, mas “é com Ele”, torna-se também sagrado.

Matta e Silva (1956) identifica a mediunidade de “mecânica de incorporação” como a mais frequente e, por isso, a que melhor caracteriza o Movimento Umbandista. Implica no ato sagrado de doação total do adepto aos espíritos dos “ancestrais ilustres”, que passam a tê-lo como veículo de manifestação. Este processo simultâneo de entrega do médium e domínio da mediunidade foi didaticamente apresentado por este autor em três partes.

Na primeira denominada “*Parte Psíquica, quando transforma os caracteres mentais próprios do médium, pela conversão, inteligência, conceitos e pelo alcance incomum*

---

<sup>4</sup> Eliade, M. **O Sagrado e o Profano**, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.82.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p.59

*de casos e coisas*<sup>6</sup>. Além disso, afirma sobre a Parte Sensorial, quando, por intermédio do corpo astral, responsável pela conexão do espírito e o corpo físico, atua diretamente no cérebro para coordenar o psiquismo. Considera também a parte Motora, quando domina o corpo físico pelos braços, pernas e demais movimentos de quaisquer órgãos dos quais quer servir-se.

As obras de Rivas Neto aprofundaram os conceitos de Matta e Silva e a própria percepção da mediunidade no Movimento Umbandista classificando, por exemplo, a mediunidade em modalidades até então não descritas como a “Psicohierografia” e “Dimensão-mediunidade”<sup>7</sup>. Respondeu questões teológicas da necessidade de sua existência<sup>8</sup>, além de construir pontes de contato entre a mediunidade e seus efeitos positivos no âmbito psicológico e no conjunto psicossomático, ao identificar os chacras, o plexos nervosos e a fisiologia de todo este processo para os diferentes tipos de mediunidade e para os diferentes tipos de atuação (“Caboclo”, “Pai Velho”, “Criança” e Exu). Além disso, propõe uma aproximação das quatro áreas da Gnose Humana: Filosofia, Arte, Ciência e a Religião, criando pontes de contato através do diálogo produzindo a Síntese de todas elas.

### **1.3 MEDIUNIDADE UMBANDISTA VERSUS MEDIUNIDADE KARDECISTA**

Como citamos anteriormente, tanto Matta e Silva como Rivas Neto identificaram diferenças entre o mediunismo umbandista e o espírita proposto por Allan Kardec - pseudônimo de Hippolyte Leon Dénizard Rivail.

Segundo Rivas Neto, a Umbanda possui sua Epistemologia, Metodologia e Ética independente de um livro ou conjunto de livros únicos como referência. Dito de outra forma, a Umbanda não possui uma codificação. Cada templo, conhecido pelo nome

---

<sup>6</sup> Matta e Silva, W. W. **Umbanda de Todos Nós**, São Paulo: Ícone, 2004, p.177.

<sup>7</sup> Rivas Neto, F. **Umbanda – O Elo Perdido**, São Paulo: Ícone, 1999, p.216 e 241.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p.82 – 88.

de terreiro, possui total liberdade de expressar e vivenciar o Sagrado de acordo com suas características éticas, culturais e sociais, sem condicionamentos impostos por um livro ou código em particular. Tais práticas se distinguem dos centros kardecistas que têm suas ações definidas por uma codificação estabelecida por Allan Kardec.

Os terreiros possuem laços coletivos que constituem redes sociais. Esta realidade só é possível graças ao papel exercido pelo sacerdote ou sacerdotisa que conduz o seu templo de acordo com os ensinamentos obtidos de seu respectivo iniciador, obrigatoriamente, outro sacerdote ou sacerdotisa. Esta relação que constitui uma filiação espiritual e simbólica, compõe um dos elementos-chaves daquilo que Rivas Neto denominou “linhas de transmissão” que por sua vez constituem uma “raiz” ou Escola Umbandista.

Apesar das diferenças na forma de manifestação de cada comunidade templária umbandista, existe um corpo de valores que representa uma essência que é comum à Umbanda e permite ao umbandista obter uma identidade religiosa ao compreender sua raiz, suas origens. Assim, para cada uma destas diferentes formas de entender e praticar o Sagrado temos uma Escola Umbandista em especial.

A ausência de um códice único permite que as concepções teológicas e doutrinárias não fiquem “engessadas” e o Movimento Umbandista mantenha-se em constante mudança. Rivas Neto define que “na Umbanda a constante é a contínua mudança”<sup>9</sup>, ou no aforismo paradoxal de que a Tradição é a eterna transformação. A Umbanda se modifica e se adapta ao ângulo de interpretação do Sagrado de cada umbandista, bem como de suas necessidades momentâneas. Assim, transita desde as perspectivas mais primevas até à pós-modernidade utilizando a linguagem mais próxima da realidade de quem a procura.

O kardecismo estabeleceu a mediunidade como algo inerente a todo e qualquer ser humano, denominado “médium natural”, precisando para o exercício pleno desta faculdade dedicar-se no aprimoramento moral e estar disposto a prática espiritual, tornando-se então “médium voluntário”<sup>10</sup>. No Brasil o Espiritismo possui como órgão

---

<sup>9</sup> Rivas Neto, Fernando. **Vídeo-aulas e Pronunciamento ao vivo**. Disponível em: <[http://www.ftu.edu.br/aula\\_magna.php?shift=-3.51428571428571](http://www.ftu.edu.br/aula_magna.php?shift=-3.51428571428571)>. Acesso em: 15 jun 2009.

<sup>10</sup> Kardec, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: FEB, 2000, p.207.

centralizador máximo, a FEB (Federação Espírita Brasileira), responsável entre outros objetivos, por cursos de formação mediúnica utilizando como referência os livros escritos pelo próprio Kardec. Desta forma, existe uma propensão à padronização da mediunidade kardecista, o que não se repete na Umbanda.

Cada Escola Umbandista define seus próprios critérios e metodologias para a transmissão de seu corpo de conhecimento, que foram acumulados ao longo de sua história e da vivência templária e mística de seus sacerdotes. Em resumo, não seria possível fixar uma fórmula única para aquele universo de vivências.

Esta diferença pode ser ilustrada e compreendida se utilizarmos o jargão religioso próprio do Espiritismo de Kardec *vis à vis* a da Umbanda. Se, no espaço do simbólico, o médium kardecista se auto-intitula aparelho – algo mecânico, padronizado e distanciado da Natureza física; o médium umbandista se reconhece como “cavalo”, portanto ser vivo, dinâmico, não padronizado, indissociado da Natureza.

## 1.4 O PROFANO

Mircea Eliade não descreveu apenas as relações do homem religioso com o Sagrado, mas também analisou a relação deste com o não sagrado – o profano, e o homem não religioso. Este último teria perdido o contato com a realidade ampliada, sua percepção se limitou ao que seus sentidos poderiam captar do meio ambiente. Dessacralizado, seu mundo passou por um profundo desencantamento. O homem não religioso objetivamente e subjetivamente perdeu seu *axis mundi*.

A secularização foi uma consequência direta do processo de profanação decorrente da crescente *mundanização* do homem e da crise do modelo hegemônico do cristianismo institucionalizado contra as mudanças do mundo, em especial a negação de outras religiões e da Ciência. O *religare*, expresso pelas religiões, transformou-se em sinônimo de credice ou ausência de conhecimento, quando não, associadas a psicopatologias ou apenas encaradas como objetos culturais

exóticos de estudo acadêmico. Por superposição, associou-se religião a não ciência e assim ao folclore, e a Umbanda, neste sentido, a cultura de periferia.

A secularização invadiu todas as áreas do conhecimento e, por mais paradoxal que pareça, nem a religião escapou dela. Atualmente observamos como a Umbanda vem sendo estudada sob uma ótica de mercado. Neste aspecto, Prandi (2004) é um defensor obstinado. Por meio da análise restrita aos números produzidos pelo IBGE no último censo, este cientista profetizou “um verdadeiro massacre” das religiões afro-brasileiras no Primeiro Congresso de Umbanda do Século XXI. Sua receita de viés economicista é expandir o número de adeptos propaga: “(...) *um projeto novo de expansão e de reorientação num quadro religioso que se tornou extremamente complexo e competitivo (...)*”<sup>11</sup>. Mas, expandir o número de adeptos – entendido agora como clientela, significa expandir também o número de templos e o número de sacerdotes.

Dentro do meio umbandista, inclusive, alguns grupos estão tentando importar este *modus operandi* mercadológico baseados naquele tipo de argumentação, e utilizam estratégias das mais diversificadas com este intuito. Assim, temos desde consultas espirituais que prometem aos seus clientes a devolução do dinheiro pelo não atendimento dos seus pedidos de ordem espiritual, afetiva e até mesmo material; até cursos que retiram umbandistas de suas casas espirituais de origem e, mediante pagamento assíduo de mensalidades, prometem acelerar o processo de formação sacerdotal, às vezes até mesmo sem o pré-requisito da mediunidade, independente da tradição de sua raiz de origem. De maneira paradoxal define-se uma estratégia mercadológica dentro da religião baseada na ausência de mediunidade e no afastamento do umbandista da expressão máximo do espaço religioso que é o terreiro.

Por mais que uma suposta estratégia de conquista do mercado de fiéis seja bem sucedida e uma formação em escala industrial de sacerdotes possa resolver o dilema vislumbrado por Prandi, até que ponto seria válido e legítimo o

---

<sup>11</sup> Prandi, R. O Brasil com Axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**. São Paulo, v.18, n. 52, p. 51-66, 2004.

desenraizamento da Umbanda para massificá-la? Como o umbandista encara esta possibilidade?

Para enfrentarmos estas questões realizamos uma entrevista com um sacerdote e uma sacerdotisa do primeiro templo umbandista registrado em cartório: Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Por meio desta entrevista podemos vislumbrar a formação sacerdotal tradicional dentro do terreiro e qual a visão de seus condutores sobre os cursos pagos, como substitutos da vivência templária.

## **2. ESTUDO DE CASO**

### **2.1 METODOLOGIA**

O estudo de caso foi realizado na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (TENSP), em função de sua existência secular e por encontrar-se na 3ª geração de sacerdotes. Outrossim, este templo iniciou e inicia sacerdotes e sacerdotisas no Rio de Janeiro e em diversos outros estados do país. Os sacerdotes e sacerdotisas se autodenominam “Babá de Umbanda”.

Fundada no início do século XX, seu primeiro dirigente e fundador foi Zélio Fernandino de Moraes que conduziu o templo por quase seis décadas e transmitiu a direção do mesmo para suas filhas Zélia e Zilméa.

Atualmente, após o falecimento da Sra. Zélia e o afastamento da Sra. Zilméa das atividades espirituais por motivo de doença, a Tenda passou a ser dirigida pela Sra. Lygia Cunha, filha de Zilméa. Sob este novo comando algumas modificações estruturais foram realizadas, a mais importante foi a designação pela senhora Lygia de três sacerdotes formados no templo, com a incumbência de dirigir as três diferentes sessões espirituais. São eles respectivamente: o Sr. Jorge, dirigente da sessão dos Pais Velhos; o Sr. Álvaro, dirigente da sessão dos Caboclos; Sra. Laudelina, dirigente da sessão de desenvolvimento mediúnico.

A entrevista foi realizada no dia 6 de junho de 2009 com dois sacerdotes e uma médium: Sra. Laudelina da Costa Ribeiro e Sr. Jorge Antônio de Paula, que são babás de Umbanda, e Sra. Elizabeth Guimarães Miguere que é médium atuante no templo. A Sra. Laudelina, além da função sacerdotal, acumula a função administrativa de Diretora Social e porta-voz da TENSP.

## **2.2 CAMINHO QUE O ADEPTO REALIZA PARA ENTRAR NA TENDA**

Momentos antes de iniciar a entrevista fomos presenteados pela sra. Laudelina com a “Guia de Pai Antônio” que é entregue aos indivíduos que podem fazer parte da corrente mediúnica deste templo, ou seja, tem permissão para participar das atividades internas do terreiro. Assim que iniciamos a entrevista, apresentamos a “guia” que, segundo Laudelina, possui mais de 25 anos e nos foi oferecida por orientação dos ancestrais espirituais que lhe assistem.

Segundo o babá Jorge, médium com quarenta anos de TENSP, o primeiro passo para participar das atividades espirituais do templo como membro é o próprio adepto se sentir bem e desejar trabalhar nele. Além disto, assinalou ser importante o aval dos espíritos que assistem o aspirante.

Uma vez atendida estas condições preliminares, o babá chefe indica que este passe pela consulta espiritual com um médium incorporado. Caso o ancestral manifestado no médium da Tenda identifique a necessidade do adepto de trabalhar espiritualmente naquela casa e após anuência do babá chefe da sessão, só então é autorizada a sua entrada.

Em resumo, na entrevista foram identificados dois aspectos que precisam ser atendidos para um consulente tornar-se médium daquele templo. Existência de compromisso espiritual do mesmo com a Umbanda e especificamente em relação à TENSP, além do consentimento dos dirigentes quanto à participação do mesmo.

## **2.3 INÍCIO DAS SESSÕES DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO**

Uma vez aceito, o neófito passa a participar das sessões de desenvolvimento mediúnico, restrito ao corpo de médiuns, que dá orientações teóricas e práticas sobre Umbanda e o *modus operandi* do templo.

Segundo a sra. Laudelina, dirigente das sessões de desenvolvimento mediúnico, existe um médium da casa que expõe e transmite os temas relativos à doutrina.

Além da palestra, também são indicados livros umbandistas e kardecistas para aprofundamento da compreensão dos aspectos espirituais.

Após exposição teórica é realizada sessão ritualística em que o Caboclo Guarani incorporado dirige os trabalhos, este espírito se manifesta por meio da mediunidade de Laudelina, Segundo esta última médium, são realizadas esporadicamente “sessões de Exús” em que se processam as descargas negativas e as energias são renovadas para os médiuns como um todo.

Durante a sessão de desenvolvimento, o médium aprende a importância das atividades sagradas realizadas por aquele grupo e seus impactos na comunidade inserida no espaço religioso da TENSP. Também recebe instruções sobre a finalidade destes trabalhos, que é essencialmente caritativo.

## **2.4 A FITA VERMELHA**

Os pontos cantados para os babás de Umbanda possuem importância capital no processo de aprendizado. São através deles que o médium aprofunda sua compreensão sobre os fundamentos doutrinários daquele templo e como trabalhar para neutralizar problemas de ordem espiritual.

Uma vez recebido a outorga do Caboclo Guarani para o médium em desenvolvimento participar mais ativamente e efetivamente das sessões públicas, o mesmo recebe uma fita vermelha que é presa na lapela da sua roupa ritualística simbolizando esta condição. O tempo decorrente entre ser aceito e participar efetivamente das giras é um processo que varia de caso para caso, mas em média demora cerca de um ano.

Neste primeiro momento o médium ainda não incorpora para atender a comunidade. Esta função é dos mais velhos em tempo de casa e que possuem autorização dos guias para tal atividade. Para o médium chegar a esta condição, depois que recebeu a fita vermelha presa na lapela, ainda precisa de mais cinco a seis anos, em média, para receber uma fita vermelha que fica presa à cintura, sinal de que poderá atuar como médium nas giras públicas.

Além da vivência templária de muitos anos, esta última fita vermelha é recebida em um rito iniciático chamado amaci, onde a cabeça do médium é lavada com ervas rituais pela babá chefe da casa. Após dois anos aproximadamente desta etapa, o médium pode atender a coletividade com o guia espiritual que lhe assiste, sendo então denominado “médium de caridade”.

Os que trabalham no rito auxiliando as entidades incorporadas são denominados cambonos, utilizam uma fita verde presa à cintura como símbolo de sua função. Apesar de não trabalhar incorporados, seu auxílio é fundamental no rito.

## **2.5 A GUIA DE BABÁ**

Após anos de exercício mediúnico dentro da tenda, alguns médiuns são reconhecidos como possíveis sacerdotes. Nem todo médium possui condições de ser sacerdote, ao contrário, a maioria não chegará a ocupar esta função. Isto se deve as pré-disposições do médium que, segundo os entrevistados, depende da predestinação que possui para tal função e do aval dos guias responsáveis pela formação do futuro sacerdote.

Dentro do templo, e só dentro dele, o aspirante a sacerdote aprenderá a trabalhar de forma completa, o que na TENSF dito pelo Sr. Jorge é denominado de “conhecer as sete linhas de Umbanda. E não só os babás de Umbanda auxiliam no processo de formação, mas também o próprio guia espiritual que já trabalha com o futuro sacerdote. Ou seja, o sacerdócio não prescinde a vivência e não olvida o estudo teórico, ambos concorrem de forma dialética para a formação do mesmo. Aliás, o Sr. Jorge coloca o estudo como fundamental neste processo.

Nas palavras do entrevistado, o médium que possui “coroa de babá” aprende diversos conhecimentos do terreiro, que vão desde preparar os médiuns para atender a comunidade, até dirigir de fato um terreiro em todas as suas nuances e aspectos. Para a Sra. Laudelina, dirigente da sessão de desenvolvimento, o tempo de formação sacerdotal é o maior de todas as etapas.

Por fim, o rito de iniciação de babá de Umbanda é realizado com novo amaci, através de uma ordem superior dada à principal sacerdotisa da casa pelo Guia que trabalha com ela, atualmente a sra. Lygia Cunha, quando confecciona e entrega naquela cerimônia um colar ritualístico denominado “guia de babá”.

## **2.6 SOBRE OS CURSOS PAGOS DE FORMAÇÃO SACERDOTAL DISTANTE DO TERREIRO**

Questionamos o grupo de entrevistados se a TENSP recomendava, orientava ou chancelava alguma iniciativa de cursos para formação sacerdotal, alguns inclusive sem o pré-requisito da mediunidade ou mesmo se Zélio, suas filhas ou neta haviam orientado alguém nessa direção. Os entrevistados responderam taxativamente que não procedia a informação.

Na TENSP a formação sacerdotal sempre foi realizada dentro do templo, através das sessões internas de desenvolvimento. Não só a experiência de quatro décadas do Sr. Jorge confirma que sua mãe carnal, “Dona Geralda”, responsável pelos pontos cantados quando Zélio ainda dirigia as sessões, também desconhece outro meio de formar sacerdotes. Aliás, segundo ele, era um método mais rígido do que atualmente utilizado pela TENSP. A Sra. Laudelina também confirmou os fatos apontados pelo Sr. Jorge e também evocou os depoimentos de sua tia “Josefa”, contemporânea do Zélio na TENSP, que nunca relatara nada de diferente do que é feito até hoje.

Laudelina também afirmou ser impossível a formação sacerdotal no tempo proposto por aqueles cursos pagos que formam pais ou mães de santo. O mesmo juízo foi ratificado pelo Sr. Jorge que enfatizou ser inviável o sacerdócio em três meses ou um ano. Ele relatou que precisou de três décadas para poder dirigir uma sessão de terreiro.

Quanto à ausência de mediunidade para o sacerdócio umbandista, houve consenso na refutação destes dirigentes da Tenda. Sobre a formação distante do terreiro, o mesmo também foi contestado pelos entrevistados. Em nenhum momento os

dirigentes negaram a importância dos estudos, mas refutaram completamente a formação do sacerdote distante do seu terreiro, em pouco tempo e sem a obrigação de ser médium.

### 3. CONCLUSÃO

O terreiro é o local de excelência para manifestação dos espíritos na Umbanda. Por meio da mediunidade o Sagrado se manifesta no sacerdote quando este incorpora os ancestrais ilustres. Neste ato consagra-se o sacerdote, o templo e toda a comunidade. Seguindo Eliade, o *axis mundi* é reatualizado nos ritos e o “corpo-casa-cosmo”, simbolizando a “cabeça” e “coração” do templo, se vivifica no terreiro para a comunidade que ele se insere. É neste *reiligare* ritualizado coletivamente que o sacerdote e a mediunidade têm papel fundamental na manifestação da Tradição, que na comunidade umbandista é revivida e manifestada na gira, simbolizando a cosmogênese e a ontogênese. O terreiro é o lugar da vivência, o lugar do encontro do conhecimento e da sabedoria, da transmissão deste primeiro para as futuras gerações.

As casas umbandistas que possuem suas atividades há algum tempo sobreviveram e multiplicaram seus frutos em outras localidades, pois conseguiram formar dirigentes capazes de conduzir os trabalhos. Em nenhum momento, tanto na literatura umbandista de referência quanto neste estudo de caso, se advogou a necessidade de formar sacerdotes em larga escala e distantes do templo.

Quanto aos cursos de formação sacerdotal externos ao terreiro, todo o seu *modus operandi* foi rechaçado pelos entrevistados. Quanto ao tempo, foi considerado pouco e insuficiente para função tão importante quanto o sacerdócio e, no exemplo da TENSP, somando todas as etapas pelas quais passa o médium, o processo dura em média dez anos para se receber a guia de babá.

Os fatores relativos ao distanciamento do terreiro de origem e a não exigência de mediunidade de incorporação, também foram refutados com veemência pelos entrevistados. Isto se justifica, pois é paradoxal retirar um adepto umbandista de um templo para ensinar fundamentos de terceiros com intuito de fazê-lo dirigente do local de sua origem. Toda a experiência templária é descartada e utiliza-se como substituto um corpo de conhecimento estranho, pois é de outra pessoa, de outro templo, de uma outra realidade. Como é que ele pode ser guardião, um sacerdote de fato e de direito, de uma tradição que não é a sua, de uma realidade que não viveu?

Negar a indissociabilidade entre sacerdócio e mediunidade na Umbanda é criar uma solução de continuidade com o Sagrado. Extingue-se o processo de sacralização e, por extensão, o espaço religioso, nos moldes descritos pelos autores umbandistas de referência e também vivenciados pelos entrevistados. Na Umbanda as orientações espirituais vêm “de cima para baixo” por meio da mediunidade, ou seja, há um processo de verticalização orientado. De “baixo para cima” inverte-se o sentido, o que produz ao longo do tempo a profanação e perda deste elo, descrito na obra “O Elo Perdido” de Pai Rivas Neto.

Voltando à analogia do corpo, o umbandista ao sair do terreiro para participar de um destes cursos perde a conexão com seu “coração” e sua “cabeça” que é representado pelos guias e o sacerdote. Na sequência desta desconexão, ou o umbandista se frustra com o fiasco da empreitada de acelerar sua formação como sacerdote ou torna-se um pseudo-sacerdote que sem coração e sem cabeça não consegue ter uma referência consistente de como restabelecer o contato com o sagrado por meio de metodologia e epistemologia legítima do terreiro.

A Umbanda tem resistido ao longo de sua história as tentativas de fazer dela um objeto mercadológico, rechaçando iniciativas que querem utilizá-la como plataforma de poder. O estudo de caso reforça a idéia de que, para o Movimento Umbandista, existem valores que extrapolam os números do censo do IBGE ou a massificação da formação de sacerdotes propostas pelos tais cursos.

O umbandista faz prevalecer a tradição e busca exercitar o contato com o Sagrado de maneira interdependente com a sociedade na qual está inserido sem solução mercadológica ou de continuidade. Na contramão desta perspectiva existem cursos de formação sacerdotal que, ao promover o desenraizamento do umbandista, causam uma perda irreparável de seus referenciais de vivência espiritual, criando uma espécie de “desbussolamento” teológico espiritual.

#### 4. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 109p. Título original: Le Sacré et le profane.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Tradução de Guillon Ribeiro. 66. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000, 488p. Título original: Le livre des médiums ou Guide des médiums et des évocateurs.

MATTA E SILVA, Woodrow Wilson da. **Umbanda de Todos Nós**. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2004, 351p.

\_\_\_\_\_. **Umbanda e o Poder da Mediunidade**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2007, 248p.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com Axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**. São Paulo, v.18, n. 52, p. 51-66, 2004.

RIVAS NETO, Francisco. **Umbanda A Proto-Síntese Cósmica**. 4. ed. São Paulo: Pensamento, 2007, 392p.

\_\_\_\_\_. **O Elo Perdido**. 3. ed. São Paulo: Ícone, 1999, 322p.

\_\_\_\_\_. **O Sacerdote, Mago e Médico: cura e autocura umbandista**. 1. ed. São Paulo: Ícone, 2003, 493p.

\_\_\_\_\_. **Vídeo-aulas e Pronunciamento ao vivo**. Disponível em: <[http://www.ftu.edu.br/aula\\_magna.php?shift=-3.51428571428571](http://www.ftu.edu.br/aula_magna.php?shift=-3.51428571428571)>. Acesso em: 15 jun 2009.